

AUGUSTE DUPIN E SHERLOCK HOLMES: COMPARAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DAS DUAS PERSONAGENS EM “OS ASSASSINATOS DA RUA MORGUE”, DE EDGAR ALLAN POE E EM “UM ESTUDO EM VERMELHO”, DE SIR ARTHUR CONAN DOYLE, RESPECTIVAMENTE

Laís Gerotto de Freitas Valentim ¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar os detetives Sherlock Holmes e Auguste Dupin comparando ambos e utilizando as teorias do romance policial de Sandra Lúcia Reimão (1989); de narrativas policiais, de Tzvetan Todorov (2008), e de A personagem, de Beth Brait (2011). Para isso, faremos uma introdução; depois um breve resumo sobre romance policial; depois uma pequena introdução sobre o conceito de A personagem e, finalmente, analisaremos os detetives comparando-os. No final, haverá uma breve conclusão do assunto. A análise feita nos permite levar em consideração as semelhanças e diferenças de um e de outro em cada uma das obras analisadas “Um estudo em vermelho” (2003) e “Assassinatos da Rua Morgue” (2012).

Palavras-chave: Auguste Dupin; a personagem; romance policial; Sherlock Holmes.

ABSTRACT: This study aims to analyze the detectives Sherlock Holmes and Auguste Dupin comparing them and utilizing the theorists Sandra Lúcia Reimão (1989); Tzvetan Todorov (2008) and Beth Brait (2011). For this, we will do an introduction; further, we will do a quickly summary of detective novels and we will do an introduction about character. Further, we will do an analysis about the two detectives comparing them. At the final, there will be a conclusion. This analysis is to do consider the similarities and the differences about the two detectives in the opuses “A study in a Scarlet” (2003) and “The murders in the rue Morgue” (2012).

Keywords: Auguste Dupin; character; detective novel; Sherlock Holmes.

Considerações Iniciais

Este trabalho teve por objetivo proceder à análise comparada das duas personagens, os detetives Auguste Dupin e Sherlock Holmes nas obras “Os assassinatos da Rua Morgue” e “Um estudo em vermelho”. Para isso, utilizamos a seguinte metodologia descrita abaixo:

1. **Escolher os materiais de comparação:** o conto “Os Assassinos da Rua Morgue” (2012), de Edgar Allan Poe, e o romance policial “Um Estudo em vermelho” (2003), de Sir Arthur Conan Doyle;
2. **Escolher o termo de comparação (aquilo que será comparado nos materiais, que é comum a ambos):** As semelhanças e diferenças das características das personagens Auguste Dupin e Sherlock Holmes;
3. **Escolher o instrumental teórico da comparação (aquilo que será usado para proceder à comparação):** Estruturalismo – As estruturas narrativas, de Tzvetan Todorov e A personagem, de Beth Brait;
4. **Verificar quais subsídios teóricos serão necessários para lidar com o termo de comparação (aqueles embasamentos teóricos necessários para trabalhar com o termo de comparação):** Conceitos relacionados ao gênero ou subgênero “narrativa policial” – O que é Romance Policial, de Sandra Lúcia Reimão e um artigo de análise da tipologia do romance policial, de Clélia Pires (2016).

Reflexões e análise:

1. Um pouco sobre a teoria do Romance Policial

O Romance Policial tem muitas histórias de maior sucesso no mundo. Por ser um gênero tão difundido, há alguns estudos sobre o assunto que demonstram tal importância do gênero. Um dos teóricos que fala sobre isso é Tzvetan Todorov no livro *As Estruturas Narrativas*. Nesse livro, ele faz um breve resumo das características gerais do gênero policial. Vejamo-las a seguir:

- 1- O romance deve ter no máximo um detetive e um culpado, e no mínimo uma vítima (um cadáver).
- 2- O culpado não deve ser um criminoso profissional; não deve ser o detetive; deve matar por razões pessoais.
- 3- O amor não tem lugar no romance policial.
- 4- O culpado deve gozar de certa importância:

- a) na vida: não ser um empregado ou uma camareira;
- b) no livro: ser uma das personagens principais.
- 5- Tudo deve explicar-se de modo racional; o fantástico não é admitido.
- 6- Não há lugar para descrições nem para análises psicológicas.
- 7- É preciso conformar-se à seguinte homologia, quanto às informações sobre a história: “autor : leitor = culpado : detetive”.
- 8- É preciso evitar as situações e as soluções banais (Van Dine enumera dez delas). (TODOROV, 2008, p. 100 – 101)

Esses procedimentos são tidos como base em uma narrativa policial, porém podemos perceber que isso nem sempre é levado à risca, pois como diz Sandra Lúcia Reimão (1989) no livro *O que é romance policial*, Sam Spade envolve-se com mulheres e de um jeito que a sociedade não permite, ou seja, sexualmente e sem nenhum compromisso com elas. Lembra ainda que Agatha Christie, por exemplo, quebra algumas regras também quando na estória “Assassinato de Roger Ackroyd” faz com que o narrador o qual está ajudando o detetive nas investigações seja o próprio assassino. Porém Poe e Doyle seguem à risca esses procedimentos nas duas estórias; tanto em *Os assassinatos da Rua Morgue* quanto em *Um Estudo em vermelho* respectivamente.

Algo citado tanto por Todorov quanto por Reimão é a imunidade do detetive, isto é, ele nunca é alvo do assassino; também outra coisa dita por eles é que o romance de enigma dá origem a outro tipo de romance policial: o romance de série negra. Sobre o primeiro, citaremos dois dos principais autores e que são nosso objeto de estudo até então:

- Edgar Allan Poe: além de ter sido o precursor do gênero, baseava-se no Positivismo (o Positivismo acreditava que os fenômenos são regidos por leis – mundo natural, mundo orgânico e universo humano). Criador do detetive Auguste Dupin.
- Sir Arthur Conan Doyle: um dos autores mais conhecidos e principais seguidores de Poe, criador do detetive mais famoso de todos – Sherlock Holmes – que inspirou séries e filmes.

Mais adiante, trataremos desses dois detetives a fundo.

2. Definição dos tipos de personagens de uma narrativa

Falaremos agora sobre os tipos de personagens definidas por E.M.Forster em *Aspects of the novel* e reforçadas por Beth Brait (2011, p. 40) no livro *A personagem para*

podermos compreender melhor os detetives Dupin e Holmes. Segundo ele, há dois tipos de personagens:

1. *Flat* = plana, tipificada, sem profundidade psicológica;
2. *Round* = esférica (redonda), complexa, multidimensional.

Outro tipo de definição encontrada no livro de Brait (2011, p. 45) é o que faz Philippe Hamon (teórico que definiu três tipos de personagem):

1. *Personagens “referenciais”*: são aquelas que remetem a um sentido pleno e fixo, comumente chamadas de personagens históricas. Por ser imobilizada por uma cultura, é considerada o herói da cultura.
2. *Personagens “embrayeurs”*: são as que funcionam como elemento de conexão e que só ganham sentido na relação com os outros elementos da narrativa, do discurso, pois não remetem a nenhum signo exterior. Seria o caso, por exemplo, de Watson ao lado de Sherlock Holmes.
3. *Personagens “anáforas”*: são aquelas que só podem ser apreendidas completamente na rede de relações formada pelo tecido da obra.

Sobre isso, afirmamos:

- Dupin, de acordo com Forster, é personagem plana, pois o narrador não apresenta informações sobre ele; Dupin é um personagem esboçado. E de acordo com Hamon, é personagem anáfora.
- Holmes, de acordo com a primeira definição, é personagem esférica já que Watson dá-nos um panorama, ou seja, explicações sobre ele, informações a respeito dele; e de acordo com a segunda definição, é “*embrayeur*”.

Sendo assim, passaremos agora à análise comparada entre as duas personagens.

3. Comparação das características de Dupin e Holmes

Vejamos as tabelas a seguir:

SEMELHANÇAS:

AUGUSTE DUPIN	SHERLOCK HOLMES
Detetive amador	Detetive amador
É arrogante	É arrogante

Capacidade de observação aguçada: interessa-se pelas pessoas somente para “exercitar” a matemática de composição	Capacidade de observação (olhar) aguçada: desvenda os mistérios somente ao olhar para alguém
Precisão e rigor lógico: deduz assim as provas lógicas	As provas lógicas são deduzidas com todo o rigor: é a qualidade fundamental de Holmes
Acredita que a verdade seja superficial, ou seja, está à nossa frente	Acredita que a verdade seja superficial, ou seja, está à nossa frente
Pega sempre o leitor e o narrador de surpresa	Pega sempre o leitor e o narrador de surpresa
Faz crítica ferrenha, em tom de deboche e humilhação, à polícia comum (especialmente à Vidocq)	Por sentir-se superior a todos, humilha àqueles que não têm a mesma inteligência e capacidade que ele (especialmente Gregson e Lestrade)
É imune quanto a crimes e assassinatos	É imune quanto a crimes e assassinatos
Inteligência acima da média: ficção + raciocínio + inferências lógicas = sempre eficientes nos métodos de investigação dele	Inteligência acima da média: pesquisa e aprofundamento em conhecimentos específicos apurados (anatomia, química, um pouco de botânica etc)
É quieto, está sempre pensativo e reservado	É quieto, está sempre pensativo e reservado
Para encontrar o dono do orangotango (o animal foi o responsável pelos crimes), publica no jornal pistas sobre o animal que levam o marinheiro (dono do bicho) até Dupin	Para encontrar o criminoso, publica no jornal as informações sobre um anel encontrado (informação valiosa no romance) e que o dono deve procurar pelo Dr. Watson (coloca o nome Dr. Watson para que o assassino não desconfie de nada)
Vai até o local do crime para fazer uma investigação mais minuciosa	Sai em busca de pistas do assassinato e, inclusive, faz uma investigação no local

DIFERENÇAS:

AUGUSTE DUPIN	SHERLOCK HOLMES
As investigações de Dupin são baseadas nos pensamentos e mentes dos envolvidos: uso da lógica, do Positivismo	As investigações de Holmes são sempre baseadas na experimentação, dedica-se a alguns assuntos relacionados à medicina por exemplo
É um personagem esboçado: há poucas - ou nenhuma - informações sobre ele	É um personagem muito conhecido pelo leitor: muitas informações sobre a vida dele são conhecidas, por exemplo, por intermédio da tabela de conhecimentos criada por Dr. Watson a qual se torna um meio para descobrir a personalidade de Holmes
É uma máquina de raciocínio: conhece os fatos por ler, por ouvir dizer e, assim, liga-os e cria teorias para explicá-los. Desse modo, consegue capturar o assassino	É investigativo: para capturar o assassino, além de ir em busca de pistas, seguindo-o ou até mesmo fazendo experimentos no laboratório, pede “ajuda” da “equipe” para prendê-lo; isto é, usa cobaias como o menino Wiggins para alcançar o objetivo
A única coisa que sabemos a respeito dele é que fazia várias leituras	Diferentemente de Dupin, lê sobre aquilo que o interessa, aquilo que julga ser importante para ele, relevante para ele; tanto que não se interessa nem um pouco por literatura, por exemplo
É extremamente racional, por isso não conhecemos o Dupin “humano”	Possui um lado mais “humano” que Dupin: é hábil no violino e gosta de fumar tabaco de marinheiro, por exemplo
Dupin e o narrador anônimo (que divide o mesmo aposento que ele) são amigos, mas são muito reservados. O narrador em certo momento afirma que dividiria temporariamente o aposento com Dupin,	Holmes e Dr. Watson (amigo com quem divide um apartamento) são amicíssimos e Dr. Watson até o acompanha nas investigações. Watson e Holmes moram na mesma casa, isto é, diferentemente do

somente durante o período em que ele (o narrador) permanecesse em Paris	amigo de Dupin, Watson não está de passagem por Londres
Saía pouco, muito pouco de casa; não era visto nas ruas	Holmes, ao contrário, saía todos os dias antes mesmo de Watson levantar

A partir das tabelas feitas acima, faremos breves comentários a respeito de algumas (as principais) características das personagens. Começaremos por Dupin:

Tinha um lado racional, de capacidade analítica que impressionava. Acredito que seja principalmente por isso que não conhecemos o lado “humano” de Dupin. Vamos observar isso no seguinte trecho:

Em momentos como esse, eu não podia deixar de notar e admirar (embora dada sua fecundidade, estivesse preparado para esperar tal coisa) uma peculiar capacidade analítica em Dupin. Ele parecia também extrair um vivo deleite em exercê-la – quando não propriamente em exibi-la -, e não hesitava em confessar o prazer que disso obtinha. (POE, 2012, p.305 - 306).

Reforça ainda Reimão no livro O que é romance policial:

Poe salienta para seu leitor então absorto pelas idéias positivistas e pela nova concepção de homem, a capacidade e o rigor nos raciocínios como um instrumento preciso para investigar e desvendar a aparentemente inexplicável lógica das ações e motivações humanas. (REIMÃO, 1989, p. 21)

Algo que fazia com frequência - e até falava disso com certo desprezo – era a crítica à polícia, especialmente à Vidocq. A crítica ao sistema falido de atuação da polícia é muito comum nas narrativas policiais. Podemos observar no seguinte trecho:

A polícia parisiense, tão elogiada por seu acumen, é hábil, mas só isso... Os resultados atingidos por eles são não raro surpreendentes, mas na maior parte, obtidos pela simples diligência e atividade. Quando essas qualidades estão indisponíveis, seus esquemas fracassam. Vidocq, por exemplo, era bom em conjecturas e perseverava... Podia enxergar, talvez, um ou dois pontos com clareza incomum, mas ao fazê-lo, necessariamente perdia de vista a questão como um todo. (POE, 2012, p. 316)

E Reimão reforça isso em outros três trechos:

lidando com a insegurança da população, que logo vem a não confiar na polícia formada por ex-infratores (REIMÃO, 1989, p.17) / Dupin não participa da polícia enquanto instituição, ele é um detetive amador (Idem, p.

18) / Acredito que a crítica a Vidocq visa distinguir e salientar, para o leitor, os métodos de Dupin, enquanto detetive. (Idem, p. 29)

Dupin saía pouquíssimo de casa, somente em casos extremos como o dos assassinatos ocorridos no conto e fazia pouquíssimos passeios. Fora isso, preferia ficar no aposento dele. Podemos perceber isso no seguinte trecho:

Nossa reclusão era absoluta. Não recebíamos visita alguma. Na verdade, a localização de nosso refúgio fora cuidadosamente mantida em segredo de meus próprios antigos companheiros; e já havia muitos anos que Dupin deixara de ver e ser visto em Paris. Vivíamos exclusivamente para nós mesmos. (POE, 2012, p. 305)

E ao que nos confirma Reimão:

através dessas informações, preenchendo suas lacunas, correlacionando indícios etc., constrói teorias para explicá-los, sem que seja necessário, no limite, qualquer contato empírico com o local em que o fato ocorreu, com os envolvidos etc. Esta “máquina de raciocínio”, atuando por inferências lógicas, por leitura de índices via intelecto, pode desvendar enigmas sem sair de seu domicílio. (REIMÃO, 1989, p. 21)

Agora, passaremos a Sherlock Holmes para finalizar:

Sobre Holmes, diferentemente de Dupin, podemos dizer que ele tinha um lado mais “humano” e o leitor conhece esse lado. Vejamos a passagem na qual Dr. Watson fala que o amigo tocava violino:

Realmente, sentia-me extremamente cansado. Assim, obedeci e fui para o quarto. Deixei Holmes sentado em frente à lareira e, até altas horas, ouvi os lamentos baixos e melancólicos de seu violino, que me faziam saber que ele refletia sobre o estranho problema que se dispôs a resolver. (DOYLE, 2003, p. 47)

E sobre isso, afirma-nos Reimão:

Enquanto homem, Holmes tem hábitos pouco aceitos socialmente quanto à morfina e à cocaína, adora tocar violino enquanto medita, e é uma pessoa que se entendia profundamente com o ócio... Através dessa “humanização”, parece-me que o detetive se torna mais próximo e, portanto, mais assimilável para o leitor. (REIMÃO, 1989, p. 38 – 39)

Quanto a crítica à polícia, Holmes, da mesma forma que o fez Dupin, despreza os detetives da polícia. Vejamos na seguinte passagem:

Sem querer ferir seus sentimentos, devo-lhes dizer que considero que esses criminosos estão além da capacidade da polícia... Gregson e Lestrade

pareciam muito longe de estarem satisfeitos com essa promessa ou com a referência depreciativa à divisão de detetives da polícia. (DOYLE, 2003, p. 62)

E Reimão confirma que Holmes é um detetive de consulta – mais capacitado que os detetives da polícia e por tal motivo, despreza-os. Vejamos: É só algum tempo mais tarde que Holmes se definirá, para Watson, como um “detetive de consultas”, um orientador mental dos detetives oficiais e particulares. (REIMÃO, 1989, p. 37)

O termo usado por ela “orientador mental” já nos revela a capacidade de Holmes de surpreender Gregson e Lestrade.

Holmes gostava de sair de casa ao contrário de Dupin. Saía todos os dias tanto para ir ao laboratório trabalhar quanto para passear pelas ruas de Londres o que era mais raro de acontecer. Vejamos a seguir no trecho:

Holmes não era, definitivamente, um homem difícil de se conviver. Quieto sob vários aspectos e com hábitos comuns, raramente ficava acordado após as dez da noite e, invariavelmente, já tomara café de manhã e saía antes de eu me levantar. Às vezes ele passava o dia no laboratório químico, ou então na sala de dissecação. Ocasionalmente fazia longas caminhadas, que o levavam até os bairros mais perigosos da cidade. (DOYLE, 2003, p. 17)

E Reimão confirma: Quem dos leitores de Holmes não formou a imagem dessa fina e sutil figura, vestida com sua capa e seu chapéu, saindo soturnamente em busca de indícios, vestígios etc., como um verdadeiro mastim? (REIMÃO, 1989, p. 39).

Sobre a arrogância de ambos, interessou-me bastante um trecho em que Watson faz referência a Dupin e Holmes rejeita a ideia por se achar muito melhor que ele. Isso prova, mais uma vez, que ambos os detetives acham que ninguém é mais inteligente, mais capaz do que eles. Sendo assim, Doyle faz uma brincadeira com o leitor na qual chama a atenção para o personagem de criação dele que viria a ser um dos mais queridos das histórias policiais – Holmes e menciona o escritor que o inspirou: Edgar Allan Poe. Vejamos a seguir:

- Parece simples, com você explicando – eu disse, sorrindo. – Você me faz lembrar de Dupin, de Edgar Allan Poe. Não imaginava que pessoas assim existissem fora das histórias.

- Parece que você acha que está fazendo um elogio ao me comparar a Dupin – falou Holmes. – Mas, na minha opinião, ele é muito inferior a mim. Aquele truque de invadir os pensamentos dos amigos com um comentário após vinte e cinco minutos de silêncio é realmente muito vaidoso e superficial. Ele tinha

algumas habilidades analíticas, sem dúvida, mas não era, de modo algum, o fenômeno que Poe imaginava. (DOYLE, 2003, p. 23)

Reimão confirma essa intertextualidade e a “brincadeira” afirmando:

Como se pode notar, essa referência é bastante desfavorável ao referido, e seu intuito maior é dar especificidade a Holmes enquanto detetive... Acredito que esses jogos intertextuais, comuns no gênero policial, devem ser abordados sob dois ângulos ... essas digressões não passam de meros “ruídos” , na medida em que esse leitor provavelmente desconhece o outro referido ... Temos, pois, nessa alta taxa de presença de jogos intertextuais no gênero policial algo que vale a pena ser salientado: trata-se de uma característica do gênero que visa exatamente perfilar cada texto ou grupo de textos em relação a outras narrativas do gênero, em relação ao policial enquanto tradição. (REIMÃO, 1989, p. 40 – 41)

Conclusões Analíticas (finais):

As teorias usadas como referências para a análise são seguidas à risca pelos dois autores: Poe e Conan Doyle, pois os detetives criados por eles, Auguste Dupin e Sherlock Holmes, respectivamente, são detetives clássicos. Entre as duas personagens, há diferenças e semelhanças; porém Holmes é mais definido (enquanto personagem) que Dupin. O fato de aquele atuar em romance e este em conto também ajuda nessa questão (da definição das personagens), pois em um conto não é possível haver profundidade psicológica da personagem devido ao tempo e ao espaço que são curtos.

Como bons detetives, ambos são eficientes nos trabalhos que executam, pois resolvem os problemas rapidamente.

Os comentários a respeito de algumas das características de ambos foram reforçados pelo livro de teoria de Sandra Lúcia Reimão, comprovando assim a veracidade das análises no geral as quais foram percebidas durante a leitura das obras.

1 Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

REFERÊNCIAS:

BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 8ª Ed. 2011. 95 p. (Série Princípios).

DOYLE, S. A. C. *SHERLOCK HOLMES: Um estudo em vermelho*. Trad. Antonio Carlos Vilela. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003. 120 p.

PIRES, C. S. <http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/garrafa5/6.html>. Acesso em 9 jun. 2016.

POE, E. A. Os assassinatos da rua Morgue. In: _____. *Contos de imaginação e mistério*. Trad. Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Editora Tordesilhas. 2012, p. 301 – 337.

REIMÃO, S. L. *O que é romance policial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª Ed. 1989. 87 p. (Coleção Primeiros Passos).

TODOROV, T. Análises: Tipologia do Romance Policial. In: _____. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 5ª Ed. 2008, p. 93 – 104. (Coleção Debates).